

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

GRAFITES LITERÁRIOS SOB A PERSPECTIVA DA ALTERIDADE URBANA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

ANA PRADO

**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DAS
TÉCNICAS E EPISTEMOLOGIA HCTE-UFRJ**

anaprado.arte@gmail.com

1. Introdução

A rua nos encanta com seus mistérios que emanam de cada esquina, prédio, casa, bares, lojas, tudo parece mágico, nos inspira e respira. As ruas na cidade são nossas artérias, nossos braços e pernas, nos levam e trazem de um lugar ao outro, nada mais surpreendente do que essa possibilidade de ir e vir. Na rua nossas emoções afloram, nossos erros e acertos são evidentes. Ela nos convida a ficar juntos, permite deixar nossas marcas numa simples conversa, numa simples caminhada, todo mundo já experimentou dizer: conheço essa rua, tal rua tem uma loja que vende isso ou aquilo, outra rua tem um prédio diferente, antigo ou novo. A rua está presente nas nossas vidas de forma significativa, não é possível viver sem ela. Existem ruas que tem até festa de aniversário, como foi o caso da Rua da Carioca no Rio de Janeiro, em outros tempos de sua glória.

Na perspectiva de compreender algumas táticas de uso do espaço urbano pelos artistas, e sua relação com aspectos da territorialidade, reflexo de tensões e transgressões na contemporaneidade, esse artigo propõe analisar o que designamos de Grafite Literário (GL), que são frases, poemas, geralmente curtos, desenvolvidos em diferentes técnicas de impressão, de natureza política, poética e ou literários, impressos nos muros da cidade do Rio de Janeiro. A abordagem se inspira no estudo da experiência urbana de alteridade, pensada pela Paola Berenstein Jacques (2012, p.11), num alinhamento teórico com a ética da alteridade, postulado pelo filósofo Emmanuel Lévinas (1906-1995), para compreensão do outro no espaço da cidade. Busca-se uma visão epistemológica e transdisciplinar, onde se conjugam os conceitos de alteridade com urbanismo, arte – ativismo, poesia, e a noção da cidade como discurso literário.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Serão analisados dois GLs encontrados no centro da cidade do Rio de Janeiro, buscando identificar relações e transgressões que possam trazer a luz dinâmicas de ocupação do espaço urbano e de como a cidade vem sendo afetada por essas iniciativas.

Busca-se aqui, portanto, identificar através dos grafites, relações e transgressões, numa visão transdisciplinar e epistemológica, que possam trazer à luz dinâmicas de ocupação do espaço urbano e maneiras pelas quais a cidade vem dialogando com as manifestações de natureza política, poética e literária.

2. A arte de grafitar

Na história, o hábito de grafitar mais antigo que se tem notícia, data do período pré-histórico, como é o caso das pinturas rupestres, com evidências nas cavernas de Lascaux e Altamira, uma das mais antigas relíquias, relatam experiências parietais. Ainda em período remoto, também encontramos registros na cidade de Pompéia de grafites parietais. Pompéia foi arrasada pelo vulcão Vesúvio no ano 79 d.C., mas vários grafites sobreviveram deixando evidências de uma narrativa que desafia entender o cotidiano das pessoas que por ali passaram, e que gravaram suas emoções e visões de mundo (GARRAFONI, 2013, p.12-14). Na **Erro! Fonte de referência não encontrada.** trazemos um exemplo de grafite que narra um entrevero entre dois habitantes da cidade que diz o seguinte:

Severo: o tecelão Sucesso ama a escrava taberneira chamada Hiris, a qual não quer saber dele, mas ele pede que ela tenha dó dele. Responde, rival! Saudações; **Sucesso:** Intervéns porque és um invejoso! Não queiras bancar o engraçadinho, seu mau caráter galanteador! **Severo:** Disse e escrevi (a verdade): tu amas Hiris, que não quer saber de ti. **De Severo para Sucesso:** o que escrevi é exatamente o que se passa, assinado Severo (CIL IV, 8258-9), (FUNARI, 1989, p.35).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

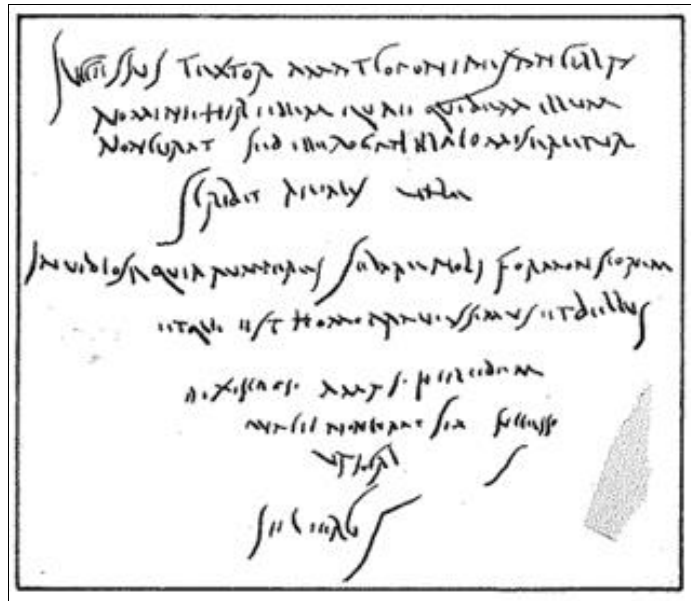


Figura 1 - Diálogo entre Severo e Sucesso

Isso comprova que o hábito de registrar, pinturas, desenhos, escritos em lugares de convivências, com o objetivo de se comunicar e de registrar suas emoções faz parte da história humana e por conseguinte das cidades.

Trazendo para uma experiência mais recente no Rio de Janeiro, não podemos deixar de lembrar do Profeta Gentileza, que nas suas errâncias ganhou destaque, transformando uma série de muros cinzas a céu aberto, em poesia, com frases e mensagens de amorização, que são ícones da cidade – “Gentileza Gera Gentileza”. Sua ação artística influenciou a vida e o cotidiano dos cidadãos nos anos 80, fazendo circular pelo espaço urbano, um discurso repleto de significações, sentidos, memória, numa fala heterogênea e simbólica. Gentileza escreveu o conhecido "Livro Urbano", que são mensagens grafadas ao longo das 56 pilastras do viaduto do Caju, na zona portuária do Rio de Janeiro, participando ativamente em um momento importante de abertura política no país (YADO, 2016, p.19).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Figura 2– Profeta Gentileza

Fonte: <https://www.revistaprosaversoarte.com/gentileza-gera-gentileza-profeta-gentileza-jose-datrino/>

Na passagem do tempo a prática de grafitar muros e paredes com inscrições de teor poético ou político ganham força em maio de 1968, na cidade de Paris, com os movimentos da contracultura. Naquele ambiente, jovens descrentes com o rumo do capitalismo e usando tinta spray, rasgam o verbo para falar e expressar nos muros da cidade sua insatisfação.

Os grafites se expandem, e se tornam presença marcante no cenário cultural no mundo inteiro. Eles ocupam o epicentro da arte urbana, se utilizando de técnicas em pinturas sofisticadas aplicadas em tamanhos gigantescos nas grandes empenas dos prédios, muros e ou outras superfícies pela cidade. Ao longo desse processo, o grafite ganha reconhecimento no campo da arte, e participa como elemento cultural nas reestruturações urbanas, ou nas chamadas requalificações urbanísticas nas cidades pelo o mundo todo.

Os GLs os quais tratamos nesse artigo, é um tipo de grafite de ação rápida e direta expressando situações de conflitos e de poéticas afetivas. A partir dessas premissas, os muros e paredes da cidade passam a ser um lugar que pulveriza um discurso importante a ser apreendido. É importante observar que os GLs não estão inseridos numa agenda

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

urbana de culturalização, portanto não se encontram nas soluções das ditas "cidades criativas" (SELDIN, 2015, p.54).

Eles são manifestações espontâneas, que surgem da produção desenvolvida por artistas, que se utilizam do espaço da cidade para expor e apresentar seu trabalho, pensamento e ou questionamentos que marcam a vida do cidadão. Os GLs ainda guardam uma rebeldia e irreverência, que se situa no contexto performático de ações efêmeras e rápidas, frente aos impedimentos legais de uso dos muros ou paredes da cidade. Tem uma base literária, que se aproxima de pensamentos poéticos, de manifestação política, e ou de posicionamento nos enfrentamentos sociais, que se colocam mediante a contraposição aos interesses neoliberais com os quais nosso país vem enfrentando nos últimos tempos.

3. Algumas experiências de GLs no Rio de Janeiro

Um tipo de GL, no formato de lambe lambe tem sido muito utilizado como expressão para o trabalho de arte – ativismo de diálogo com a população, com o objetivo de promover reflexões sociais e políticas sobre o momento em que nosso país está vivendo. A Figura 3 – Black Friday Lojas Temer, colado na Av. Presidente Vargas, Centro, RJ, de autoria do artista Marcelo Oliveira é um desses trabalhos, que surgiu no período do impeachment da presidenta Dilma, e que culminou com a tomada de poder pelo vice-presidente Michel Temer.

O GL associa as famosas campanhas de consumismo Black Friday (um dia inteiro de promoções generosas na venda de mercadorias em geral), com o momento do então presidente Temer, que articulou junto à políticos e ao empresariado, numa grande negociata, mudanças na legislação e nos direitos adquiridos no campo da saúde, educação e cultura, cujos interesses se contrapunham aos da maioria da população, com consequências na qualidade de vida do povo brasileiro. Na verdade, o que se viu foi a implantação de uma política neoliberal e antidemocrática. O trabalho foi pensado cuidadosamente com vários elementos gráficos. O pato representado está localizado no centro do losango, cuja forma disposta é a mesma da bandeira do Brasil. O pato é o

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

símbolo da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), e acentua bem a dobradinha política pública e negócios, reforçando o empenho com que os empresários participaram na campanha a favor do impeachment, e todos os seus desdobramentos. Do ponto de vista artístico, a técnica utilizada para produzir o trabalho foi em xilogravura (gravura sobre madeira), o que confere uma qualidade ao conjunto da imagem. O objetivo do artista foi de fato, denunciar e trazer questões contundentes da nossa vida política e social, com uma dose de humor, mas sem perder o fio condutor de um trabalho de arte. Não se trata de mera reprodução para colagem indiscriminada pela cidade, mas oferecer uma qualidade visual que instiga o olhar do observador e apresenta novas possibilidades de se comunicar no espaço urbano.



Figura 3– Black Friday Lojas Temer

Fonte: Foto cedida pelo artista

Outro exemplo é o GL, "Uma mulher negra com uma faca é uma arma, uma mulher negra com um livro também" encontrado na Rua do Carmo, Centro do Rio de Janeiro, Figura 4. Este GL trata da questão do negro na nossa sociedade, com recursos visuais de stencil e texto. Percebe-se que a imagem da escritora Conceição Evaristo ganha uma centralidade, na qual a frase título deste GL está situada na parte superior do grafite. O texto traça a ideia de um deslocamento do olhar de uma possível ação de violência, mas com armas diferentes, faca e livro, o que confere a esse grafite uma performance literária. A escritora é uma ativista nos movimentos de valorização da cultura negra, escrevendo ficção, crônicas, ensaios, poemas, mantendo uma linha de denúncia da condição social

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

dos afrodescendentes, reconhecida nacionalmente e internacionalmente, já que muitos de seus livros já foram traduzidos e publicados em francês e inglês. Conceição Evaristo no seu poema Certidão de Óbito a seguir, além de fazer um resgate da memória, ela entrelaça passado e presente no mesmo lugar de opressão e violência.



Figura 4 - Grafite "Uma mulher negra com uma faca é uma arma,
uma mulher negra com um livro também" – Rua do Carmo- Centro RJ

Fonte: foto tirada por essa pesquisadora

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Certidão de óbito

Os ossos de nossos antepassados
colhem as nossas perenes lágrimas
pelos mortos de hoje.

Os olhos de nossos antepassados,
negras estrelas tingidas de sangue,
elevam-se das profundezas do tempo
cuidando de nossa dolorida memória.

A terra está coberta de valas
e a qualquer descuido da vida
a morte é certa.

A bala não erra o alvo, no escuro
um corpo negro bambeia e dança.

A certidão de óbito, os antigos sabem,
veio lavrada desde os negreiros.

(EVARISTO, 2017, p.17)

4. Sobre Alteridade Urbana

Observarmos que através dos escritos dos GLs existe uma vontade de diálogo com os cidadãos, uma conversa que postula um posicionamento, visto a grave crise social, econômica, política e ecológica pelas quais estamos imersos. Ao mesmo tempo, podemos considerar que existem também questões do estado de consciência com que os artistas se colocam na perspectiva da alteridade urbana, revelador de sensações e afetos, em relação ao outro e à realidade apreendida nas experiências do cotidiano.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Alteridade é um pensamento que vem permeando a filosofia contemporânea, reconhecida por Emmanuel Lévinas como uma saída para a impessoalidade do simplesmente Ser, que busca atravessar a superação da totalidade e do egoísmo do eu-em-si-mesmo, culminando na responsabilidade incondicional pelo outro, que deve ser substituído ao Eu, e que se torna um instrumento de crítica social como uma nova forma de resgate da humanidade. Lévinas afirma, “que é na relação pessoal, do eu ao outro, que o acontecimento ético, caridade e misericórdia, generosidade e obediência, conduz além ou eleva acima dos ser” (LÉVINAS, 1997, p. 269).

Segundo Franklin Leopoldo e Silva (SILVA, 2017), seguindo pensamento de Emmanuel Lévinas, diz que a cultura moderna é uma cultura de subjetividade, do eu e do ego. E que este tem grande privilégio – eu mesmo, a minha identidade. Franklin chega a falar que vivemos uma espécie de narcisismo, de egoísmo, uma exacerbação do sujeito, do eu, e que isso leva a um certo distanciamento do outro, de perceber a possibilidade de sua existência. Voltado para si mesmo o outro parece longínquo, isto tem a ver como que nós entendemos a consciência de si (consciência de mim). Essa consciência deriva da filosofia clássica que colocou o ego, o sujeito, como realidade principal, afastando o outro, ou seja, eu tenho consciência de mim, porque estou em mim, para que eu tenha consciência do outro, eu teria que estar no outro – isso tornou-se um problema ético – porque só tenho consciência de mim, cuido apenas da minha subjetividade. Esse é o estilo da nossa civilização e cultura baseada na individuação. Silva continua e argumenta:

Vivemos numa sociedade de indivíduos, apesar de massificada e que não depositamos tanto respeito pela individualidade do outro, na subjetividade do outro. Essa separação entre o eu e o outro criou um abismo de características éticas muito comprometedoras da nossa civilização (SILVA, 2017).

Essa separação reforça questões de preconceito de todas as espécies e de discriminações, nos distanciando de uma humanidade digna de respeito ao outro. Esse abismo ou separação faz parte de uma visão segundo a qual o outro tem o direito de existir desde que eu conceda a ele esse direito, pois, por si mesmo, ele não o tem; como consequência, se eu quiser, posso eliminá-lo.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O que se coloca é uma abordagem ética em relação ao outro, em que segundo Franklin Leopoldo e Silva existem alguns aspectos, sendo que um deles é o conceito mais amplo de ecologia. Com a ecologia existe uma tentativa de fazer com que o eu veja o mundo a partir do outro, ou seja, ele pergunta novamente – como será o mundo daqui a duzentos anos, se continuarmos a explorá-lo dessa forma? Haverá mundo para os outros? Se não houver mundo para eles, será que eu não sou responsável por essa catástrofe? A partir daí não seria o caso de adquirir uma certa consciência ecológica para preservar o mundo para os outros? Neste sentido, o que está em pauta no aspecto ecológico é valorizar o outro mais que a mim mesmo e viver mais em relação ao outro, ou pelo ao menos tentar um equilíbrio. A ecologia contribuiu muito para que esse tipo de ética fosse apresentado, mesmo que ainda esteja longe de ser aceita por todos, mas pelo menos é alguma coisa a qual se pensa. A partir daí se configura uma ética da alteridade, ainda insipiente, porque os valores consolidados, que são da ordem do ego, ainda são muito fortes e estão longe de sofrer um abalo significativo (SILVA, 2017).

Mas a cidade pensada como um desejo, desejo de estar com o outro, pode ser entendida na relação em que eu, você, nós desejamos juntos a construção de um estado de direito para todos. Essa dinâmica de julgamento animando a potência da criação artística, assim como nossa vida mental e social, nos permite vislumbrar essa busca pela felicidade em figuras de arte, bem como nossa própria vida. Isto é o que configura a cultura, como um conjunto de atitudes, estados de espírito, ações, decisões que nos ajudam a fazer de nossa vida uma cultura fazendo-nos acessar nosso próprio destino. Assim, a dinâmica da arte assume novos papéis sociais que vão delinear uma aproximação do artista com o outro na cidade, na experiência da alteridade urbana (JACQUES, 2012, p. 11). Nessa aproximação como fazer a cidade digna de se viver? Citando David Harvey quando ele se refere à cidade e ao pensamento de Robert Park:

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A cidade é a mais consistente e, no geral é a mais bem-sucedida tentativa do homem de refazer o mundo onde vive de acordo com o desejo de seu coração. Porém, se a cidade é o mundo que o homem criou, então é nesse mundo que de agora em diante ele está condenado a viver. Assim, indiretamente, e sem nenhuma ideia clara da natureza de sua tarefa, ao fazer a cidade, o homem refaz a si mesmo (HARVEY, 2012, p.73).

O coração comanda esse processo e nos faz reconhecer nosso direito à cidade, não apenas restrito ao direito de ir e vir, mas no direito à vida urbana digna. Não se trata do direito de acesso àquilo que já existe, mas no direito de mudar as coisas, conforme nossos desejos. Além disso, o direito é comum, muito mais que individual, já que a transformação depende inevitavelmente do exercício do poder coletivo nos processos de urbanização. Então, se ao fazer a cidade, o homem refaz a si mesmo, se faz necessária uma avaliação contínua do que poderemos estar fazendo de nós mesmos, e com os outros. Os textos e poemas dos GLs espalhados pela cidade, evocam uma cidade possível e amorosa, e nos convida para um ato responsável de como estar e viver coletivamente.

5. Conclusão

O artista que elabora o GL, toca em dois pontos importantes no que diz respeito ao uso do espaço urbano. Um refere-se à sua percepção da cidade como um espaço de diálogo, e de intervenções artísticas que vem acompanhando as transformações no campo da arte. Outro ponto, refere-se a um certo ativismo, que ressalta questionamentos no espaço urbano e ao mesmo tempo nos diz que algo não está indo muito bem na nossa sociedade, e conseqüentemente na cidade. Neste sentido, sendo a cidade uma construção humana, e tal qual como ela se expressa nos dias atuais, percebe-se uma desumanização no seu conjunto de práticas espaciais, num complexo de forças mobilizadas por diversos agentes sociais, políticas e econômicas.

Os dois GLs que trouxemos como exemplo revela de fato esses aspectos sócio-políticos, que nas suas dinâmicas de apresentação, instiga a reflexão de várias questões muito atuais pelas quais nossa sociedade está passando. De certa maneira existe um entrelace entre o

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

dentro e fora, um devir que vai na direção do fora em conjunção com uma paisagem interna de cada artista. O lado de fora é um espaço-tempo entreaberto por sensações, evidenciando que o afeto e o percepto ocorrem instantaneamente (MACIEL, 2018, p.19).

O esforço dos artistas, quando na composição dos GLs, expõem elementos importantes, entre o desejo e as formas necessárias para a realização desse desejo. Podemos dizer que os GLs seriam mecanismos de realização dos desejos, atuando numa linguagem direta, escrita em formatos diversos e com significados distintos seja político, literário e poético.

Existe uma vontade de oferecer momentos de subjetividade e poesia. Poesia aqui não precisa ser reconhecível como poesia para ser poesia, ao contrário, mas sim reconhecida como uma experiência, uma prática, uma ação (PENNA, 2017). Ação que instiga reações nas pessoas, que as ajudem nem que seja por um momento, colocar um sorriso e ou uma expressão de alerta, sobre que tipo de vivências estamos compartilhando na cidade.

Frente a esses processos, pode-se entender que o artista ao criar os GLs, eleva sua experiência a uma consciência que revela, ou seja, ilumina e joga luz sobre a cidade, pois é a partir da consciência que as percepções, as memórias, o futuro sob as condições de esperança e expectativa emergem. Somos testemunhas, observadores, partilhando sonhos e desejos. O artista circula por esse espaço da partilha, ou seja, na partilha do sensível denominado por Rancière (2009) como aquilo que revela um comum, e suas respectivas partes definidas nos lugares, um comum partilhado e com partes exclusivas:

“[...] essa repartição de partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempo e de tipo de atividades, que determina propriamente a maneira como um comum, se presta à participação, e como uns e outros tomam parte dessa partilha” (RANCIÈRE, 2009, p.15).

Hoje mais do que nunca, a pessoa que desejamos ser precisa instaurar uma visão ecológica da nossa existência. As ideias de Airton Krenak são um exemplo desse pensamento quando se refere aos povos indígenas, não como indivíduos, mas como

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“pessoas coletivas”, com capacidade de transmitir através do tempo suas visões do mundo que se resume poeticamente a seguir:

Nos últimos tempos, a gente não faz outra coisa senão despencar, cair, cair, cair. Então, vamos aproveitar nossa capacidade crítica e criativa, construir paraquedas coloridos, e pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos, onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos (KRENAK, 2019, p.28, 30).

Referências bibliográficas

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Ed. Malê, 2017.

FUNARI, Pedro Paulo. Cultura Popular na Antiguidade Clássica. São Paulo: Ed. Contexto, 1989, 86p. Disponível em:

<https://www.academia.edu/17490421/Cultura_Popular_Na_Antiguidade_Classica_SA_O_PAULO_Contexto_1989_86p_>

GARRAFFONI, Renata Senna. Grafites: Linguagens e Narrativas nas Paredes de Pompéia. Campinas: Revista Estudo Filosofia e História da Antiguidade n.31, Jan-Dez 2017.

HARVEY, D. O Direito à cidade. Revista Eletrônica Lutas Sociais, 2012, n.29. Disponível em:< <https://revistas.pucsp.br/ls/article/view/18497/13692>>

IASI, M. L. Processo de Consciência. Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro (CPV), São Paulo, 1999.

JACQUES, Paola Berenstein . Elogio aos Errantes. Salvador: Ed. EDUFBA, 2012

KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LÉVINAS, E. Entre nós – ensaios sobre alteridade. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

Disponível em:

<https://www.academia.edu/39061835/Entre_nos_ensaios_sobre_a_alteridade_emmanuel_levinas>

MACIEL, A. A Transdisciplinaridade da consciência. Rio de Janeiro: Edite, 2018, p. 9-28.

RANCIÈRE, J. A partilha do sensível. São Paulo: Editora 34, 2009.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

SELDIN, C. Da capital de cultura à cidade criativa: resistências a paradigmas urbanos sob a inspiração de Berlim. Tese (Doutorado em Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Faculdade da Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

SILVA, Franklin Leopoldo. Lévinas: ego e distanciamento. Entrevista concedida em vídeo e publicada no site da Casa do Saber.

Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=uxWBzOVQ6-o>

PENNA, J. C. O dispositivo questions théoriques. Seminário de pós-graduação: poética das ocupações, poéticas da intervenção – entre arte e ativismo, 2017. Disponível em: <<https://joacamillopenna.wordpress.com/2017/03/>>

YADO, T. H. M. Sentidos no espaço urbano: os dizeres de Gentileza dentro e fora da cidade. Tese (Doutorado) - Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, 2016.